

# AMOLADOR AMBULANTE

**Uma Profissão em Vias de Extinção**



pág. 4 e 5

## **Casa do Bom Café**

64 Anos a Fidelizar Clientes



pág. 2 e 3

## **Rancho St.ª Eulália de Beiriz**

Fiel Embaixador das Tradições



pág. 6 e 7

## **“Caminhos, Ruas e Lugares”**

Conheça a Rua Latino Coelho



pág. 8

# Casa do Bom Café

Seis Décadas a Aromatizar a História da Rua da Junqueira

*O moinho de café  
Mói grãos e faz deles pó.  
O pó que a minh'álma é  
Moeu quem me deixa só.*

*Fernando Pessoa, 'O moinho de café'*



Ao caminharmos pela rua da Junqueira, bem no coração da cidade, quando nos aproximamos do n.º 21 somos inebriados pelo agradável aroma a café. Entramos e ficamos fascinados pela decoração que sobreviveu à máquina do tempo. Os nossos olhos param no velhinho balcão e nos moinhos de moer, nas gavetas com café, chicória e cevada a granel, ou na velhinha máquina de calcular e livro de vender fiado que repousam numa singela escrivaninha. Estamos na Casa do Bom Café!

O início da história deste sexagenário estabelecimento comercial remonta a dezembro de 1958 quando o casal Carlos Alberto Cardoso e Maria das Dores Oliveira deixam a cidade-berço (Guimarães) para rumar à Póvoa de Varzim, em busca de uma vida melhor, acompanhados pelo filho mais novo, Arnaldo Coelho da Silva, quem (ainda) hoje, aos 72 anos de idade, mantém em funcionamento este icónico espaço da Junqueira.

E é na primeira pessoa que contamos um pouco dos 64 anos de existência da Casa do Bom Café. “O meu pai era funcionário numa mercearia em Guimarães. Como também tratava da distribuição, vinha muitas vezes à Póvoa de Varzim, fornecer os Moreiras (antigos donos do Guarda-Sol), e encantou-se pelo mar. Via que era uma terra com bastante movimento, principalmente no verão, e decidiu arriscar em montar um negócio por conta própria. Vim com os meus pais, enquanto os meus

irmãos mais velhos ficaram em Guimarães, e abrimos a Casa do Bom Café ao público em dezembro de 1958. Desde então, e até aos dias de hoje, comercializamos café, cevada, misturas e chás. Também vendíamos artigos da Nestlé e éramos representantes da conhecida marca *A Brasileira*”, refere Arnaldo Silva.

O início não foi fácil, recorda à nossa reportagem: “O meu pai abriu a loja em pleno inverno e sujeitávamos ao movimento do pescador. Se havia peixe, trabalhava-se bem, mas quando não havia, o negócio parava. Naquela altura o que mais se vendia eram as misturas (café com chicória) e a cevada. Eu era miúdo e fazia recados para o meu pai”.

Anos mais tarde, quando Arnaldo Silva foi cumprir o serviço militar em África, o pai passou também a fazer a distribuição dos artigos que vendia em cafés da Póvoa de Varzim e Vila do Conde. “Estava eu na Guiné, a cumprir um serviço militar de dois anos, quando o meu pai me enviou dinheiro para tirar a carta de condução. Quando regresssei, fiquei eu responsável pela distribuição”.

E naquele tempo vendia-se muito artigo fiado? “Às vezes, mas regra geral as pessoas acabavam por pagar. O pescador era muito cumpridor, nunca tive problemas. Mas da parte da hotelaria ficaram algumas dívidas por liquidar. Quando *A Brasileira* acabou por abrir falência, em meados da década de 90, tentei reaver algum dinheiro que estava em falta, mas ficaram uns contos largos para trás”.

A Casa do Bom Café destaca-se pela qualidade dos produtos que vende. Só assim tem conseguido manter uma clientela fiel ao longo dos anos e conseguido ombrear com as grandes superfícies. “É uma luta desigual. Como trabalho de forma artesanal e sou eu quem prepara as misturas,



os clientes procuram qualidade em detrimento do preço. Há dias em que se trabalha melhor, outros em que é mais parado, mas dá para pagar as contas. Estou com a renda antiga e é o que vai valendo. Enquanto for vivo e as pessoas gostarem do meu artigo, cá estarei a abrir as portas d’A Casa do Bom Café. Mas futuramente, não sei...”

Se a fachada da loja se manteve igual ao longo dos anos, onde sobressai a madeira de sucupira (trazida do Brasil), quem entra pela primeira vez fica absolutamente encantado com o estilo *vintage* do interior. Já a rua da Junqueira está muito diferente, “fruto da mudança dos tempos”, sublinha Arnaldo Silva, que lamenta o encerramento de muitas lojas que eram referências na principal artéria comercial da cidade: “Muitos vizinhos, pessoas com quem lidei diariamente ao longo de muitos anos, fecharam portas e os seus espaços deram lugar a outras lojas. Mas ainda há quem encontre na família a linha de continuidade dos seus negócios, como a Livraria Minerva, a Ourivesaria Milhazes ou a Ourivesaria



Tavares, que chegou à bonita idade de cem anos. Infelizmente, na minha família, ninguém quer seguir este trabalho”.

E se os turistas adoram fotografar e filmar a loja, o que acaba por ser um “bom veículo promocional da Casa do Bom Café, da Junqueira e da Póvoa de Varzim”, Arnaldo Silva constata que há cada vez menos gente a fazer compras. “Se de verão a afluência de turistas ainda disfarça esta tendência, ao longo do resto do ano é uma realidade a que não podemos fugir. Sinceramente, não sei o que se poderia fazer para revitalizar a rua da Junqueira, mas era uma boa medida se a Câmara Municipal se compadecesse dos comerciantes e colocasse o estacionamento livre a certas e determinadas horas, para ajudar o comércio local”.

A terminar, perguntamos a Arnaldo Silva qual a bebida que mais gosta? “Cevada com chicória. É a minha bebida preferida. Muitas pessoas desconhecem as qualidades medicinais da chicória. Trata-se de um tubérculo de benefícios extraordinários para a saúde. Para quem evita a cafeína, como eu, é a melhor escolha”, concluiu.



# Amolador Ambulante

## Uma Arte em Extinção

*O progresso, os avanços tecnológicos, a alteração de leis e mentalidades, levaram algumas artes e profissões a desaparecer (quase) por completo ou a perder a sua importância com o tempo. É o caso dos amoladores ambulantes, que tradicionalmente se deslocam de bicicleta para oferecer os seus serviços de amolar facas, tesouras e outros instrumentos de corte, para além de colocar 'gatos' (espécie de agrafos) em loiça partida, e reparar sombrinhas e guarda-chuvas.*

*Em tempos idos, o amolador deslocava-se a pé, fazendo-se acompanhar de uma roda de grandes dimensões montada numa estrutura de madeira, onde eram colocadas duas pequenas caixas para guardar as ferramentas, e um ferro do lado esquerdo para endireitar ou apertar os utensílios. A roda era acionada por um pedal, que transmitia o movimento à roda de esmeril.*

*Mais tarde surgiu a bicicleta, que servia de meio de transporte e que foi modificada por forma a levar a pedra de amolar. Fixando a roda traseira da bicicleta ao chão, unindo-a ao esmeril mecânico, o amolador dá ao pedal para ativar a roda de amolar.*

*Percorrendo as aldeias, vilas e ruas das cidades, faz-se anunciar pelo som característico de uma flauta de pão de canos ou de plástico (também apelidado de 'apito'), tocando as suas tonalidades consecutivas, de grave a aguda e vice-versa.*



### António Joaquim é Alentejano e Percorre o País de Lés a Lés

Os amoladores ambulantes quase desapareceram do nosso quotidiano, mas alguns teimam em resistir à máquina do tempo e do progresso. É o caso de António Joaquim, de 59 anos, um dos últimos amoladores ambulantes em atividade em Portugal. Alentejano de gema, natural de Montemor-o-Novo, percorre o país de lés a lés e a Póvoa de Varzim faz parte do seu itinerário de clientela.

O som tradicional do seu apito ecoa pela cidade e anuncia a sua presença. O sol irradia, contrariando a anunciação de chuva que, misteriosamente, está associada à profissão. António Joaquim vai calcorreando as ruas da cidade a pé, ladeado pela sua bicicleta adaptada, à procura de clientes a quem oferecer os seus préstimos.

Uma paragem, umas quantas facas para amolar. António Joaquim não é muito dado a falas, prefere centrar toda a sua atenção na exímia arte de amolar. Nas suas mãos calejadas, adivinhamos as muitas memórias e experiências de uma profissão difícil e pouco remunerada.

Junto ao passeio, onde se cruzam muitos olhares, principalmente de jovens



estudantes a caminho das escolas, alguns abrandam o passo e não escondem o espanto ao verem aquela ‘geringonça’ a funcionar, observando atentamente a arte de um amolador, profissão que muitos nem imaginavam que (ainda) existisse.

“Sou e serei sempre amolador. Desde muito pequeno que via o meu pai e o meu avô a amolar facas e tesouras, a arranjar chapéus de chuva ou peças de barro que se partiam, a soldar painéis, e facilmente também eu aprendi o ofício. Ao todo, na minha família, já vai em 200 anos de profissão, contando com as três gerações. O meu avô passou o conhecimento da sua arte para o meu pai, que depois passou para o meu irmão mais velho, para mim e para o meu irmão mais novo. Esta é a herança que carrego”, conta à nossa reportagem.

Entre as muitas *estórias* do passado, que guarda no coração e na memória, António Joaquim recorda o tempo em que os miúdos das aldeias, ao ouvir o som da gaita, corriam atrás do amolador e, em alta

algazarra, gritavam: ‘*Vai dar água ao burro!*’. Por ser um trabalho muito duro, que obrigava a calcorrear vilas e aldeias, explica que “o meu avô contava que, quando paravam para descansar e entravam numa taberna para comer alguma coisa e beber um copito, diziam aos clientes que iam dar água ao burro. Nalgumas terras ainda se ouve esta expressão, mas não tem nada de ofensivo e até acho uma certa piada”.

António Joaquim vive a arte com muito amor e paixão. Se não fossem estes sentimentos, afirma que “há muito que já teria arrumado as ferramentas”. Ao longo dos anos foi colecionando alguns clientes fiéis, mas “infelizmente são cada vez menos”. Porém, não deixa de sentir algum alento pelos que ainda aguardam a sua visita, para afiar os utensílios domésticos, ou

reparar algum chapéu-de-chuva. “Já me cortei muitas vezes. São carimbos e medalhas de bom comportamento”, confessa.

Rapidamente, entre enérgicas pedadas, mais uma faca, uma outra tesoura, faíscam nas mãos de António Joaquim, enquanto desfia mais um pouco da sua vida: “Dá para comer e pouco mais. Percorro o país de lés a lés e à Póvoa de Varzim venho a cada dois meses. Tenho alguns clientes de há muitos anos e sou sempre muito bem recebido”.

E acrescenta: “Não tenho ideia de quantos quilómetros faço por dia. Se me aparecer trabalho dou mais aos pedais, caso contrário ando mais a pé. Amoladores ambulantes, já não existem muitos. É uma profissão em risco de extinção. É por isso que muitos jovens, por mera curiosidade, lá me vêm perguntar o que ando a fazer ou a vender”.

A velhinha bicicleta é a menina dos seus olhos. “Foi o meu pai quem a adaptou. Já tem mais de 40 anos e tento mantê-la sempre impecável. Já não se fazem destas como antigamente”. E o apito? “Este tem uns 15 anos. Já sofreu algumas amolgadelas, mas funciona na perfeição. Mas tenho um apito em casa da idade desta bicicleta”.

António Joaquim mora em Almada e já se habituou a passar muito tempo longe da família. “Vou a casa uma vez por mês”, mas o frio, a chuva e a transumância são, na realidade, os seus maiores inimigos. “De verão trabalha-se melhor, mas de inverno é bem mais complicado. Em fevereiro fui para Chaves, mas tive de me vir embora por causa do frio. E para um alentejano, é bem complicado”, graceja.

Acabado o serviço, António Joaquim lá partiu rumo a norte, de apito na boca, a anunciar que o amolador está na cidade...



# Associação de Amizade de Santa Eulália de Beiriz

## Fiel Embaixador das Danças, Cantares e Ancestrais Tradições



*“Se no passado se vê o futuro,  
e no futuro se vê o passado,  
segue-se que no passado e no futuro  
se vê o presente,  
porque o presente é futuro do passado,  
e o mesmo presente é o passado do futuro.”*

*Pe. António Vieira*

A freguesia de Beiriz tem origem numa *villa* medieval denominada *Villa Viarizi*, conforme um documento datado de 1044. Paróquia antiga, já existia no século XI, sob o nome de *Sancta Eolalia de Viariz*. Desde então, Santa Eulália de Mérida, uma santa cristã, martirizada no ano 304 d.C., tornou-se na padroeira da freguesia, cuja celebração acontece a 10 de dezembro, que passou também a ser assinalado como o Dia de Beiriz.

Ao longo dos tempos, os povos traduziram em danças e cantares muitos dos seus usos, costumes e tradições. Sinónimo de cultura popular, o folclore representa também a identidade social de um povo. E em Beiriz, esta herança identitária foi sendo transmitida de geração em geração, permanecendo ainda hoje bem viva no seio da comunidade.

O início desta história remonta ao ano de 1978 quando, na freguesia de Beiriz, se organizou um cortejo etnográfico de angariação de fundos para as obras da igreja. O enorme sucesso da iniciativa convenceu um grupo de amigos, impulsionado por Mário da Silva Ferreira, a abraçar o desafio de criar um grupo folclórico. O historiador Monsenhor Manuel Amorim,

num trabalho conjunto com Abel Ferreira, fez o estudo e a recolha das músicas, que na sua maioria eram cantadas pelas tecedeiras que trabalhavam na Fábrica Tapetes de Beiriz, mas que abrangiam outras atividades profissionais, como os pedreiros, os negociantes de gado, as lavadeiras ou as gentes da lavoura.

Da tradição da terra se vestiu o Grupo Folclórico de Santa Eulália de Beiriz, fundado em 18 de outubro de 1979, hoje integrado na Associação de Amizade de Santa Eulália de Beiriz, presidida por Mário Jorge Fernandes. “O nosso repertório é variado, contando com cerca de 25 composições. Remete-nos para as cantigas que eram cantadas pelas mulheres que trabalhavam na Fábrica dos Tapetes de Beiriz, mas também apresentamos músicas de cariz popular, como as modinhas de romaria, com fortes influências minhotas. A nível instrumental destacam-se a concertina, o acordeão, o bombo, os ferrinhos e a pandeireta, o cavaquinho e a viola, as castanholas e o reco-reco”.

O Grupo Folclórico de Santa Eulália de Beiriz é constituído por cerca de 40 elementos, dos 6 aos 90 anos, distribuídos entre a roda, o coro e a tocata. Os trajés são

diversificados e refletem o leque de atividades desenvolvidas no período datado entre o século XVII e o século XIX. Entre outros, destacam-se os trajés de tecedeira, feirante, camponês, de noivos e de romaria.

Mário Jorge Fernandes é presidente da Associação de Amizade de Santa Eulália de Beiriz desde 2005, mas a sua ligação ao rancho remonta à tenra idade: “Com cinco anos comecei a participar nos ensaios e algum tempo depois já dançava entre os graúdos. Dos 13 aos 22 anos estive afastado do grupo, mas acabei por regressar e integrar a tocata, mas também danço e canto sempre que é necessário. Em 2005 assumi o desafio de presidir à Associação de Amizade de Santa Eulália de Beiriz e abraçar esta nobre missão de preservar e promover os usos, costumes e tradições da nossa freguesia”.

Num grupo que se caracteriza por uma mescla de veteranias e juventude, o futuro está assegurado, sublinha Mário Jorge Fernandes: “A roda sempre foi formada por jovens, praticamente desde a fundação até aos dias de hoje. Felizmente, temos conseguido cativar a juventude da freguesia para a atividade do rancho e a única dificuldade reside apenas no fato de haver mais mu-



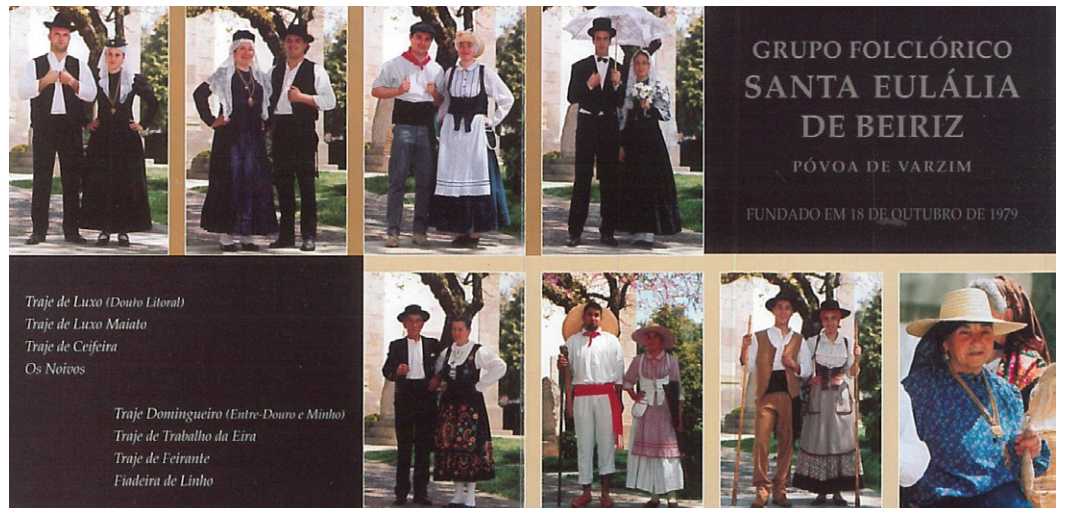
lheres que homens. E se antigamente os jovens iam para o rancho para sair de casa e poderem ter os seus namoricos, hoje é por amor à freguesia e à história do rancho. Os nossos jovens sentem um orgulho enorme em fazer parte desta grande família. Vivem com muita alegria a tradição do folclore e contagiam todo o grupo com o seu dinamismo na apresentação de ideias e projetos para o futuro”.

Percorrendo o país de norte a sul, mas também com brilhantes atuações em Espanha e França, o Grupo Folclórico de Santa Eulália é o fiel embaixador da cultura, história e tradição da freguesia de Beiriz. “Procuramos primar pela qualidade e a raiz identitária das nossas gentes está sempre presente no nosso folclore. De entre as muitas atuações, nomeadamente no estrangeiro, junto da nossa diáspora, destaque a nossa ida aos Açores há três anos. Para muitos dos nossos componentes, foi a primeira vez que viajaram de avião e ver essa felicidade estampada em tantos rostos é algo tremendamente gratificante. São momentos que ficam para sempre guardados na nossa memória e que nos motivam a elevar este património imaterial de Beiriz”, afirma Mário Jorge Fernandes.

A Associação de Santa Eulália de Beiriz mantém elevadas expectativas quanto à concretização do projeto ambicioso que vai ‘nascer’ no atual edifício da Junta de Beiriz e que prevê, entre outras valências, a criação de um pavilhão multiusos e uma sede para o rancho. “Há grupos folclóricos com piores condições que as nossas, mas o atual salão da junta, onde ensaiamos, torna-se obsoleto para as atividades que pretendemos realizar”.

Mário Jorge Fernandes acrescenta: “A concretização do projeto do novo edifício da Junta de Freguesia, que vai acoplar

um pavilhão multiusos e uma sede para a nossa associação, é a concretização de um sonho de há muitos anos. Com estas novas instalações, vamos oferecer melhores condições ao rancho e poder concretizar muitos outros projetos, como a realização de espetáculos e a promoção do teatro e da dança, em complemento com a atividade do futuro Centro Ocupacional de Beiriz. Desta forma, podemos estar mais presentes na comunidade, envolvendo os jovens e os mais idosos, potenciando a intergeracionalidade e a coesão social da freguesia”.



Traje de Luxo (Douto Litoral)  
Traje de Luxo Maiato  
Traje de Ceifeira  
Os Noivos

Traje Domingueiro (Entre-Douro e Minho)  
Traje de Trabalho da Eira  
Traje de Feirante  
Fandeira de Linho

# “Caminhos, Ruas e Lugares”

## O Topónimo da Rua Latino Coelho (antiga Rua do Ramalhão)



As cidades são projetos eternamente inacabados. Rasgam-se novas ruas, surgem novas arquiteturas, novos espaços. A par deste impulso de crescimento e modernização, coexiste também o desejo de preservar a memória da cidade, construída na alma dos seus habitantes e nas tradições e costumes mais arreigados. Esta é a *alma mater* da gestão da polis, a de criar narrativas sobre a cidade como um espaço idílico.

Na rubrica deste mês calcorreamos a Rua Latino Coelho, a antiga *Rua do Ramalhão*. Com cerca de 590 metros de comprimento, é uma das artérias mais antigas do Bairro Norte, cuja abertura remonta ao séc. XIX, e liga o Largo de José Pontes à Rua Caetano Oliveira.

A propósito do topónimo da Rua Latino Coelho, em ‘Toponímia da Póvoa de Varzim’ – Vol. III, pp. 29-30, da autoria do Dr. José Barbosa, separata do Boletim Cultural da Póvoa de Varzim, Vol. XII (1973) a Vol. XIV (1975), pode ler-se: “*Em sessão camarária de 2 de Julho de 1912, foi proposto que se mudasse o nome da «Rua do Ramalhão para Latino Coelho», o que «foi aprovado por maioria, votando contra o Doutor [José Maria] Baptista Carneiro». Em sessão camarária de 31 de Janeiro de 1919, em plena Monarquia do Norte (19 de Janeiro a 13 de Fevereiro de 1919), foi aprovada uma*

*proposta do Presidente, Dr. David José Alves, para que «a rua Latino Coelho volte a chamar-se rua do Ramalhão». Passada a Monarquia do Norte, e logo em 20 de Março de 1919, voltou a vigorar a designação oficial de rua Latino Coelho.*

*O topónimo Ramalhão aparece-nos, a primeira vez, em 1836, num livro de recenseamento, e para que se não perdesse a sua recordação, foi aprovada, em sessão camarária de 19 de Janeiro de 1966, uma proposta da Comissão Municipal de Toponímia para se mencionar na placa da rua de Latino Coelho, entre parênteses, a designação de «antiga rua do Ramalhão» (...).”*

José Maria Latino Coelho nasceu em Lisboa, em 29 de novembro de 1825, e faleceu em Sintra, no dia 29 de agosto de 1891. Foi escritor, crítico, político (pertenceu ao partido monárquico Regenerador e depois ao partido Republicano), oficial do exército, professor e historiador.

Aluno brilhante e aplicado, teve uma educação esmerada, estudando Francês, Inglês, Matemática e Ciências Exatas. Em 1837 e 1838 estudou Latim, Grego e Lógica no Liceu Nacional de Lisboa, sempre com distinção.

Em 1838 foi admitido no Colégio Militar, onde concluiu os estudos preparatórios, tendo sido o melhor aluno do seu curso, passando posteriormente à Escola do Exército, para prosseguir o curso de Engenharia Militar. Neste estabelecimento ganhou três prémios e habilitou-se com distinção para a carreira de oficial de Engenharia. Latino Coelho assentou praça no Regimento de Infantaria, em 14 de novem-



bro de 1843, tendo subido progressivamente na carreira até alcançar o posto de General de Brigada, em 19 de setembro de 1888.

No que diz respeito à carreira académica, foi nomeado lente substituto da cadeira de Mineralogia e Geologia, na Escola Politécnica de Lisboa. Eleito socio-efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, em 18 de maio de 1955, foi posteriormente nomeado secretário perpétuo desta instituição.

Deputado em várias legislaturas pelo Partido Regenerador, Par do Reino e Ministro da Marinha e do Ultramar, de julho de 1868 a agosto de 1869, filiou-se depois no Partido Republicano.

José Maria Latino Coelho publicou vários artigos na imprensa, particularmente nos jornais ‘A Semana’ (que fundou) e ‘A Emancipação’, e como escritor notabilizou-se com obras de foro histórico e ensaístico.

Faleceu em Sintra a 29 de agosto de 1891. A Academia Real das Ciências de Lisboa realizou uma sessão solene no dia 11 de dezembro de 1898, com a presença do rei D. Carlos I, da rainha D. Amélia de Orleães e do infante D. Afonso, na qual os académicos Tomás Ribeiro e Sousa Monteiro fizeram o elogio histórico de José Maria Latino Coelho.

Latino Coelho era comendador da Ordem de Cristo, grã-cruz da Ordem da Torre e Espada e grã-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição.

